



WILLIAMS, INTÉRPRETE DE NIETZSCHE: O DEBATE DE UMA NOVA PERCEPÇÃO MORAL

Williams, Nietzsche interpreter: the debate of a new moral perception

Eduardo Marcos Silva de Oliveira

Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas

edumasilo@gmail.com

Resumo: Pretendemos com o presente artigo apresentar como a crítica nietzschiana influenciou o pensamento de Bernard Williams, caracterizando-o como um dos mais proeminentes pensadores da filosofia moral da contemporaneidade. No primeiro momento destacaremos a compreensão nietzschiana sobre o problema da moral a partir de sua compreensão de ideais ascéticos. Buscaremos apresentar como o tema descreve o problema da moral enfatizando sua crítica aos ideais ascéticos. No segundo momento abordaremos como a filosofia nietzschiana influenciou o pensamento de Williams. Enfatizaremos como o pensador inglês interpreta a crítica nietzschiana sobre a moral a partir de um viés psicológico embasando-se nos apontamentos descritos por Nietzsche em contraposição a tradição filosófica. Do mesmo modo, como seu pensamento direciona-se a uma crítica ao realismo moral.

Palavras chave: Nietzsche. Williams. Ideais ascéticos. Verdade. Moral.

Abstract: In this article we intend to present how the Nietzschean critique influenced Bernard Williams' thought, characterizing him as one of the most prominent thinkers of the moral philosophy of contemporary times. In the first moment we will highlight the Nietzschean understanding of the moral problem from its understanding of ascetic ideals. We will attempt to present how the theme describes the moral problem by emphasizing its critique of ascetic ideals. In the second moment we will discuss how Nietzschean philosophy influenced Williams's thinking. We will emphasize how the English thinker interprets the Nietzschean critique of morals from a psychological bias based on the notes described by Nietzsche as opposed to the philosophical tradition. In the same way, how does his thinking address a critique of moral realism.

Keywords: Nietzsche. Williams. Ascetic Ideals. Truth. Moral.

Introdução

No presente artigo procuraremos apresentar o apontamento de Nietzsche a favor da afirmação e valoração da vida a partir de sua compreensão sobre a moral e sua influência no pensamento de Bernard Williams. Nesse contexto, a definição do tema que se pretende na presente pesquisa se faz no sentido de investigar a abordagem nietzschiana em contraposição à tradição filosófica ocidental. Para o filósofo alemão, tal afirmação instaurou na humanidade a criação de homens de rebanho, sendo descrito em *A genealogia da moral* como possuidores de uma moral de seres inferiores, uma moral de ressentidos. Esses homens são mencionados por Nietzsche como os animais enfermos que obtiveram a vitória sobre os “homens predispostos”¹. E a partir desta constatação, dentro do seu projeto filosófico, afirma Nietzsche a necessidade de

[denunciar] a confiança na moral – mas por quê? Por moralidade! [...] – e essa é a última moral que ainda se torna inteligível para nós, a última moral que, nós também, poderíamos ainda viver [...] – no caso de desejarem uma fórmula – a *autossupressão* da moral. (M/AA), *Prefácio*, § 4).

Nietzsche descreve a preponderância de uma moral fraca frente à formação cultural da sociedade ocidental. E nesse sentido, para o filósofo, os valores morais-metafísicos-religiosos da sociedade são o mais claro exemplo de *enfraquecimento* do homem, caracterizado pela negação da vida ao formular valores transcendentais, superiores à própria vida. A noção dessa transcendência, desenvolvida pelo pensamento socrático-platônico e continuado ao longo da tradição histórica ocidental, seria, de acordo com sua compreensão, a suprema ilusão e origem de uma vida doente, uma moral de fracos resultante de uma vida ascética em contraposição a moral dos senhores, uma moral nobre.

Nietzsche descreve que a criação de conceitos morais não passa de um produto do ser humano e que nos mostra uma vontade inatingível de determinar um sentido a vida. Essa distinção é evidenciada quando Nietzsche afirma que “não existem fenômenos [*Phänomene*] morais, apenas uma interpretação [*Ausdeutung*] moral dos fenômenos”. (JGB/BM, IV, § 108).

¹ Para Nietzsche, seriam os homens que compreendem a hierarquização dos valores para sua própria vida. Aqui, apontamos o conceito aristocrático que o filósofo possuía para distinguir os homens propensos a uma transvaloração de valores. Uma descrição mais aprofundada dessa definição é feita por Vattimo no Capítulo II da obra de Rossano Pecoraro, *Nilismo e (pós) modernidade*.

Como exemplo, a *morte de Deus* descrito no aforisma 125 d'A *gaia ciência*. Este que é compreendido como um problema basilar para o filósofo se caracteriza como uma saída para o fim de conceitos e juízos preestabelecidos. Mas dentro deste contexto, levantamos o seguinte problema. Como Nietzsche compreende o que é moral e suas consequências?

[...] a moralidade não é outra coisa (portanto, primacialmente nada mais), que a obediência aos costumes, quaisquer sejam estes; mas os costumes não são mais que a maneira tradicional (*herkommenliche*) de proceder e de avaliar. Onde não exista a tradição não existe decência; e quanto menos está determinada a existência pelos costumes, menor é o círculo da moralidade. O homem livre é imoral (*unsittlich*), porque em todas as coisas quer depender de si mesmo e não de uma tradição estabelecida; em todos os estados primitivos da humanidade, “mau” é equivalente de “individual”, de “livre”, de “arbitrário”, de “desacostumado”, “imprevisto” ou de “incalculável”. Medidos estes mesmos estados primitivos, e sempre pela mesma escala: se uma ação é executada, não pelo imperativo da tradição, mas por outras razões (por exemplo, mercê de sua utilidade individual), e ainda por aquelas mesmas razões que em outro tempo estabeleceram a tradição, é qualificada de imoral e como tal considerada pelo próprio autor; pois este não se inspirou na obediência à tradição. Que é a tradição? Uma autoridade superior à qual se obedece, não porque manda o útil, mas porque manda. (M/AA, I, *Conceito da moralidade dos costumes*).

Com efeito, a profundidade, a atualidade e a relevância de seu pensamento constituem uma importante fonte para a investigação da relação e confronto entre moral e razão, influenciando pensadores da filosofia moral como Bernard Williams e a construção de sua teoria sobre a moral e normatividade.

Dado o exposto, buscar-se-á enfatizar a compreensão nietzschiana sobre os ideais ascéticos como vontade de verdade, a fim de exemplificar sua influência na construção do projeto filosófico de Williams sobre psicologia moral.

1. Os ideais ascéticos como vontade de verdade

Nietzsche descreve o ideal ascético como uma opção de vida que o homem pratica com a alegação de uma busca por uma vida austera. De acordo com Nietzsche (GM/GM, III, § 9), a crença do ascético “é uma árdua e serena renúncia realizada com a melhor vontade” que possui de se livrar do sofrimento, tendo como consequência os seus efeitos mais naturais. Ou seja, Nietzsche compreende o homem como um ser necessitado de sentido, ainda que seja

para suprimir seu sofrimento. Essa necessidade de sentido predomina na vida do homem ascético oprimindo-o, delimitando e conceituando valores morais que o impede, segundo o filósofo, de afirmar a vida. Ao descrever esse processo de dominação e exploração, Nietzsche narra a moral dos senhores e a moral dos escravos como tipos fundamentais da vontade de poder² sobre a humanidade. Para entendermos essa analogia, devemos ter em mente que o filósofo delimita um princípio de valores, em que um tipo superior de homem – nobre, aristocrata – e um homem enfermo – fraco, doente – são seus principais personagens. “Enquanto a moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não eu’ – e *este* Não é seu ato criador” (GM/GM, I, § 10). A moral dos escravos é descrita por Nietzsche como a moral dos ressentidos, na qual os ideais ascéticos estruturam uma moral da “compaixão” (M/AA, II, *Ser objeto de compaixão*), uma moral que não ama a si próprio.

Entretanto, os senhores são os determinadores de valores e não precisam de aprovação para essa determinação. Enquanto a moral dos senhores é dura e peculiar para o mundo avaliado por Nietzsche, a tradição atua como agente de criação que inverte os valores.

Nietzsche avalia o fenômeno histórico-cultural no mundo europeu, mas, principalmente, critica a posição dessa forma de vida na Alemanha e de seus predecessores, tais como Schopenhauer (2005, p. 475), ao afirmar que “todo amor (ágape, caritas) é compaixão”. Nesse princípio modelador, Nietzsche, em sua obra *Crepúsculo dos ídolos*, posiciona-se contra a forma que a cultura alemã apresentava-se. Para o filósofo, estaria sendo uma forma de degradação do conhecimento ou, pelo menos, uma possibilidade.

Falei do espírito alemão: que ele se torna mais grosseiro, que se torna raso. [...] No fundo, o que me assusta é algo bem diferente: como a seriedade alemã, a profundidade alemã, a *paixão* alemã nas coisas do espírito vai regredindo cada vez mais. O *páthos* mudou, não apenas o intelecto. (CD/CI, VIII, § 3).

² Embora se encontre na várias obras dos comentadores estrangeiros, a tradução de *Wille zur Macht* do alemão e demais idiomas para o português como vontade de potência, optou-se por manter a tradução de *Wille zur Macht* por vontade de poder, mantendo a primeira tradução apenas nas citações dos comentadores utilizados na pesquisa. A existência de uma dupla tradução no termo *Macht* para o português não compromete o significado da expressão. A opção por manter a tradução vontade de potência foi definida em detrimento das contextualizações da maioria dos comentadores e tradutores brasileiros pesquisados.

Em *Genealogia da moral*, Nietzsche descreve o poder da influência ascética e questiona a forma e o período da vida em que Wagner procura virar o seu oposto em uma definição ascética, desconsiderando a natureza trágica da vida:

O que são ideais ascéticos? – Ou tomando um caso individual, acerca do qual frequentemente me pedem opinião, o que significa um artista como Richard Wagner render homenagem à castidade em sua velhice? [...] o trágico Wagner quis despedir-se de nós, de si mesmo, sobretudo da *tragédia*, de um modo para ele apropriado e dele digno. (GM/GM, III, § 2-3).

Em *Ecce homo*, o filósofo escreve o porquê de seu posicionamento sobre sua crítica à influência wagneriana na cultura europeia e sua decadência, conseqüentemente, a David Strauss junto à formação alemã:

Nunca ataco pessoas – sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento com que se possa tornar visível um estado de miséria geral, porém dissimulado, pouco palpável. Assim ataquei David Strauss, ou mais precisamente o sucesso de um livro senil junto “a cultura” alemã – apanhei essa cultura em flagrante... Assim ataquei Wagner, ou mais precisamente a falsidade, a bastardia de instintivo de nossa “cultura”, que confunde os sofisticados com os ricos, os tardios com os grandes. (EH/EH, *Porque sou tão sábio*, § 7).

A crítica de Nietzsche atinge “essa tendência basilar de toda a moral ocidental, cuja referência, em última instância, é o imperativo representado pelo mandamento bíblico do amor ao próximo o qual está, desde a tradição antiga, associado à negação ou esquecimento de si” (OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Diferentemente da moral dos senhores, a solidez da moral do escravo baseia-se no medo e no receio. Ela é basicamente prática. A moral dos escravos seria como uma exemplificação da moral da tradição e fundamentada nas distinções³ que Nietzsche faz em *Além do bem e do mal*. O ideal ascético, por ser, num *primeiro momento*⁴, um procedimento

³ As distinções que Nietzsche se refere em *Além do bem e do mal* originam a oposição de “bom” e “ruim” em sua obra, compreendendo a dificuldade da sociedade europeia em distinguir, por exemplo, o amor como compaixão de uma nobre virtude. Tais distinções são determinadas por Nietzsche como aplicações que conceituavam o indivíduo em sua inserção social desde a Grécia, mas que culminaram como aplicações da tradição. Deve-se compreender que os conceitos de bondade, compreensão, amor, etc. ainda são atribuídos ao conceito de Deus. Posteriormente, Nietzsche enfatiza a discussão sobre tais conceitos em sua *Genealogia da moral*.

⁴ Cabe-nos uma nota explicativa sobre a posição nietzschiana sobre o ascetismo. O que contribuirá para o posicionamento de Williams em seu projeto filosófico. No capítulo, *A vida religiosa* da obra *Humano, demasiado humano*, no capítulo *A natureza religiosa* da obra *Além do bem e do mal* e em partes da terceira

moralizador fundamentalmente negativo, identifica o bem como a força criadora da vida e a fraqueza com um mau aniquilador. O que Nietzsche demonstra é a necessidade de extirpar essa moral dos escravos.

Entretanto, seja o homem senhor ou escravo, valoriza e imputa sentido às coisas, pois é vontade de poder:

Enquanto o homem nobre vive com confiança e fraqueza diante de si mesmo (γενναῖος⁵, “nobre de nascimento”, sublinha a nuance de “sincero”, e talvez, também ingênuo), o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. [...] ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo. (GM/GM, I, § 10).

Essa referência de vontade de poder foi empregada ao longo da humanidade como ações e sentimentos que distinguiam as classes sociais desde a antiguidade como forma de conservação, uma vontade de querer viver. Parafrazeando Nietzsche, “o ‘homem’ tem a necessidade em algo querer, mesmo que seja o ‘nada’ ao ter que optar em nada querer” (GM/GM, III, § 28).

Essa edificação se fortalece não somente pela submissão ou entrega por parte do homem ressentido, mas também pela imposição cultural que a tradição moral faz na determinação daquilo que é imposto ser valorado. Esse valorar é imputado, por exemplo, pelo sacerdote (GM/GM) enquanto legislador moral, como a verdade (Deus), solidificando a inibição do livre pensar do homem, disfarçando assim a realidade da vida humana. Contrariamente, afirma Nietzsche: “Querer a verdade” não significa, portanto, “não querer deixar-se enganar”, mas – e não há outra escolha – “não querer enganar os outros nem a si próprio”, *o que nos leva para o domínio moral*. [...] como foi feito: “Por que não queremos enganar?”. (FW/GC, V, § 344).

Conduzindo o homem a uma forma de vida reprimida e enferma através de um ideal ascético o sacerdote, enquanto detentor da moral, apresentava que alguma coisa faltava, o

dissertação de *A genealogia da moral*, o filósofo apresenta um posicionamento afirmativo sobre o ascetismo. Uma perspectiva de naturalização do ascetismo, que se finda na compreensão tardia de desenvolver o ascetismo dos fortes, pelo qual Nietzsche reúne técnicas ascéticas de filósofos, santos, sábios e pensadores antigos, como condições para atingir uma espiritualidade elevada, em contraposição ao ascetismo negador da vida. Como por exemplo, do cristianismo. Esse posicionamento é importante para compreendermos que na posição filosófica nietzschiana o ascetismo se contrapõe a moral da tradição. Contudo, possui importância como meios de formação e elevação do homem e suas diferentes formas de vida e manifestação.

⁵ Corajoso.

sentido do porquê sofrer. Com esse significado do porquê sofrer, “o sofrimento cessa de ser uma maldição para a vida, para se tornar um meio a serviço dela, segundo o ideal ascético” (RIBEIRO, 1998, p. 25), esse surgiu para preencher a falta desse sentido.

Através do sentimento de culpa, o homem adoece, sendo assim acaba por depreciar-se e não afirmar a vida. Ele permite ser desestimulado e, com isso, é ofuscado até desaparecer, não contemplando o percurso que, para Nietzsche, seria a ponte que conduz ao além do homem (Za/ZA, prólogo).

O homem por si só possui necessidade de atribuir valor e sentido às coisas. É através dessas interpretações das necessidades humanas que a moral dá sentido ao que se concebe como verdade, fortalecendo-se.

O que é verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em considerações como metal, não mais como moeda. (OB. INC, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*, § 1).

Para Nietzsche, a principal alegação ascética é que nada é mais primordial que a verdade, tudo além da verdade está em uma segunda categoria. Ela se faz preeminente à vida do homem. Essa imposição atravessa pelo anseio que o homem possui de não se deixar enganar, concretizando o ascetismo como o referencial a ser vivido. “O ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência” (GM/GM, III, § 13), agindo, por sua vez, como um mecanismo de preservação. Através dessa atribuição, o homem espelha-se no sacerdote. É nessa prática efetiva que o sacerdote ascético é para o homem de moral escrava a representação de outro Ser, desumanizado e *desnaturalizado*.

Para Nietzsche, tais imposições sobre o que é a verdade contribuem para a contramão da humanidade. Portanto, a afirmação sacerdotal é um mentir para o homem, mantendo assim um ordenamento obrigatório, um parâmetro modelador. Por meio dessa atitude o cristianismo, como maior expoente da tradição ocidental, não somente é caracterizado como uma religião do ressentimento ou do fiel como animal enfermo, mas também uma religião de animais de

cabresto,⁶ em que o sacerdote seria um executor da falsa moral, um carrasco do assassinato cultural. Sua aptidão de conservação é que os doutrinam a serem falsos. Para Nietzsche, “o sacerdote desvaloriza, *dessacraliza* a natureza: é a esse custo que ele existe” (AC/AC, § 26).

Nessa concepção, Nietzsche enfatiza que uma das principais características usadas pelo sacerdote é saber utilizar das carências dos adeptos, exercendo, desta forma, pleno domínio sobre suas vidas:

[...] o sacerdote, abusa do nome de Deus: ao estado de coisas em que o sacerdote define o valor das coisas ela chama “reino de Deus”; [...] A partir de então as coisas todas da vida se acham tão ordenadas, que o sacerdote é *indispensável em toda parte*; em todas as ocorrências naturais da vida, no nascimento, no casamento, na enfermidade, na morte, sem falar do sacrifício (“a refeição”), aparece o sagrado parasita, a fim de *desnaturá-las*: ou, em sua linguagem, “santificá-las”. (AC/AC, § 26).

O sofrimento do animal enfermo é princípio existencial para o sacerdote. O sacerdote ascético é um adversário a qualquer outra vontade de poder. E devido a essa exteriorização compreende-se que, para Nietzsche, não importa a intensidade de tal poder, seja da mais branda e simples à descontrolada ou árdua; o homem possuidor de uma moral fraca é a constatação do animal mais suscetível ao domínio, que opta em desprezar-se mais facilmente do que vivenciar sua potencialidade.

Nietzsche (GM/GM, III, § 15) caracteriza o predomínio do sacerdote “sobre os que ‘sofrem’ construindo o seu ‘mundo’, de maneira que ele possa conduzir seus instintos em favorecimento de sua falsa felicidade”. Sendo assim, o sacerdote é descrito como um não praticante da vida, mas como um pregador da morte, um doente que vigia outros doentes. Além de suas atitudes limitarem os instintos humanos, elas invertem os valores que possibilitam o percurso ao além do homem. Observa-se que a prática do cristianismo obscurece a vida de seus adeptos em virtude de não contemplar o mundo em si, pois “para quem sofre é um prazer esquecer o seu sofrimento” (Za/ZA, *Prólogo*), mas, contudo, acaba por esquecer a si mesmo, o *eu*.

Para Nietzsche, a negação do sofrimento feita pelo cristianismo, fortalecida pela filosofia socrático-platônica, consolidou os ideais ascéticos ao longo da humanidade não somente provocando uma inversão no real sentido da vida entendido pelo filósofo, mas

⁶ O termo não é usado somente no contexto de obediência. Como descrito no item anterior, o cristão seria um “boi manso” que serve de guia aos touros.

preenchendo-a com um vazio obscurecido. Esse posicionamento baseia-se na constatação nietzschiana de que os efeitos dos ideais ascéticos como sentido único na formação cultural da sociedade ocidental é a “*faute de mieux par excellence*”⁷ (GM/GM, III, 28).

Todavia, a proposta que Nietzsche faz de um ideal de vida diferencia-se do ideal ascético vivenciada na moral dos escravos. A proposta dele enfatiza as ações humanas valorizando seus instintos e sentidos e mantém assim a vida humana no centro de sua filosofia. Isso é feito descrevendo os instintos como uma força, uma vontade, uma potência inerente ao homem. Com isso, passa-se a não mais ter como referência o transcendente, mas sim as relações intrínsecas à vontade de poder. Nietzsche, ao idealizar o que ele chama de vontade de poder, a vislumbra como a única saída de ultrapassamento do niilismo frente ao ascetismo.

Se os ideais ascéticos dos homens de moral de escravos são valores de uma opção de vida que a limita, para Nietzsche os valores do além do homem são vontade de poder que lhe possibilita afirmar dionisiacamente a vida em sua essência. Essa afirmação dionisiaca que se apresenta como um dizer *Sim* à vida e a sua existência propriamente, mesmo tendo em seu percurso o sofrimento, seria a forma incondicional de declaração e interpretação da vida.

[...] a Nietzsche o que importa é não apenas “interpretar” o mundo, mas transformá-lo. Ele compreendeu, com efeito, que todo transformar é interpretar e todo interpretar é transformar. Na verdade, também todo período moral é caracterizado pela sequência de sempre novas interpretações do mundo. (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 135).

Essa forma de vontade de poder transformadora da vida mostra-se presente para o homem no momento em que ele se liberta da moralidade da tradição, caracterizada pelo ressentimento e não valorização das potencialidades do ser humano. Contudo, é importante ressaltar que

a moral atuou como antídoto ao niilismo, apoiando-se no ideal de veracidade. Mesmo com a dissolução da moral em sua vertente religiosa, o sentido da veracidade por ela inventado continua atuando nas ciências, nas artes, na política, na filosofia... Assim sendo, a modernidade representa para o filósofo tanto o esforço de substituir o deus transcendente por outros valores (razão, história, progresso), como também o vazio aberto pela percepção de que o deus transcendente já não exerce mais nenhuma influência sobre a existência humana. (ARALDI, 2004, p. 70-71).

⁷ falta de um melhor por excelência.

Desse modo, a vontade de poder para Nietzsche é o *factum* preeminente do processo histórico da humanidade e não existe equivalência entre a sua vontade de poder afirmadora da vida e a moral da tradição pautada em uma vontade enfraquecida e decadente.

O filósofo valoriza o sofrimento, mas não no sentido de culpabilidade ou renúncia de si como pretende o ideal ascético, mas como sentido que faz o homem ultrapassar-se, fazendo com que este passe a afirmar a si próprio e a possuir um novo sentido de existência. E no momento em que o homem passa a afirmar a vida, também passa a afirmar o sofrimento e a dor que com ela advém e, dessa forma, inicia um processo necessário para sua autossuperação. Assim, contrariando a moral da tradição, para Nietzsche a afirmação da vida é uma afirmação do sofrimento que, por sua vez, enobrece o homem. Com tal afirmação sobre o significado do sofrimento, Nietzsche não vê a felicidade como um sentido originário da vida.

Para Nietzsche, o homem, por possuir necessidade de signos e por se permitir ser conduzido ao que se pode compreender como *instinto de rebanho*, em razão da busca de felicidade, não se desvincula da obscuridade vivenciada pelo “insensato” (Cf. FW/GC, § 125), portanto não alcançando a essência que lhe possibilitaria sua autossuperação/afirmação. O homem tem necessidade de signos, mas também de competição e de luta e a vontade de poder é essa luta. Daí, Nietzsche se autodenominar possuidor de um espírito guerreiro:

Outra coisa é a guerra. Sou por natureza guerreiro. Agredir é parte de meus instintos. *Poder* ser inimigo, ser inimigo – isso pressupõe talvez uma natureza forte, é em todo caso condição de toda natureza forte. Ela necessita de resistências, por tanto *busca* resistência: o *páthos agressivo* esta ligado necessariamente à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza [...]. A força do agressor tem na oposição de que precisa uma espécie de *medida*; todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário inimigo – ou problema: pois um filósofo guerreiro provoca também os problemas do duelo. A tarefa *não* consiste em subjugar quaisquer resistências, mas sim aquelas contra as quais há que investir toda a força, agilidade e mestria das armas – subjugar adversários *iguais* a nós... Igualdade frente ao inimigo – primeiro pressuposto para um duelo *honesto*. Quando se despreza não se *pode* fazer guerra; quando se comanda, quando se vê algo *abaixo* de si, *não há* que fazer guerra. (EH/EH, *Por que sou tão sábio*, § 7).

A guerra que Nietzsche menciona em suas obras são ataques contra “coisas de que está excluída qualquer diferença pessoal” (EH/EH, *Por que sou tão sábio*, § 7); contudo, seu posicionamento determina não apenas uma reflexão, mas uma não falsa interpretação além do problema originário.

Na interpretação de Marton (2005, p. 56), por ser para Nietzsche a moralidade um ideal doente, ele declara uma “guerra” aos ideais ascéticos, entretanto não vislumbra “aniquilá-lo”, mas sim terminar com seu absolutismo, construindo assim “novos ideais”, novas perspectivas, pois a “guerra é a mãe de todas as coisas” (PIMENTA, 2006, p. 18). Para Nietzsche, guerrear é uma forma de afirmar a vontade de poder, que, por sua vez, avalia e instaura valores.

Na afirmação de Heidegger sobre essa instauração de valores provenientes da vontade de poder:

Nietzsche não apenas pensou que por meio da inversão surge uma nova ordenação de valores, ele disse mesmo expressamente que por meio daí uma nova ordem surge “por si mesma” [...]. A instauração de valores deve ser uma nova instauração, ou seja, não apenas o que é estabelecido como valor deve ser novo, mas deve ser novo antes de qualquer outra coisa o modo como em geral os valores são estabelecidos. (HEIDEGGER, 2007, p. 30-31).

Por ser a posição de Nietzsche basicamente uma crítica aos valores absolutos e transcendentais, sua nova forma de instaurar valores contradiz os valores morais, pois visa valorizar o devir, retirando o homem da sombra da moralidade. Nietzsche pretende com essa transvaloração dos valores uma plena contemplação da vida, diferentemente do ideal ascético, aproximado do amor irrestrito à vida e seus instintos, o amor *fati*⁸.

A partir desta análise, vejamos como Williams se posiciona através da influência nietzschiana em seu projeto filosófico sobre a moral.

2. A influência nietzschiana na compreensão williamsiana sobre a psicologia moral

⁸ Aceitação, amor ao destino. Segundo Neimeyer (2011, p. 44-45), “A fascinação de Nietzsche pela ideia de *Fatum* se mostra em seus primeiros escritos [...], embora a doutrina só apareça em *A gaia ciência*. [...]. O significado, em última instância, do ‘fatalismo’ de Nietzsche depende como entendemos o conceito de necessidade, assim como seu domínio de validade”.

Antes de tudo, devemos ter em mente que o pensamento williamsiano é de significativa complexidade. Todavia, podemos encontrar pontos centrais em seu pensamento que nos auxilia a percebermos a influência da filosofia nietzschiana em sua obra.

Nietzsche afirma na obra *Humano demasiado humano* que “a falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos” (MAI/HHI, § 2). Contrariamente, Williams sustenta que a filosofia deve abarcar-se num sentido histórico, isto é, no sentido de uma genealogia da “história, da fenomenologia, da psicologia realista e da interpretação conceitual” (WILLIAMS, 1995, p. 75-76). Em outras palavras, é perceber e interpretar os conceitos e os problemas da filosofia antiga que ainda imperam na formação do homem, e em especial na sua crítica, estruturam a moralidade.

É na obra *Truth & Truthfulness: an essay in genealogy (Verdade e Veracidade: um ensaio em genealogia)* que percebemos com maior nitidez a apropriação feita por Williams da crítica nietzschiana sobre a moral na estruturação histórico-cultural do ocidente referenciando-se do projeto genealógico do pensador alemão.

Sua tese aponta para duas vertentes que estruturam a formação da psicologia moral na sociedade. “A devoção à veracidade e a suspeita a ideia de verdade” (WILLIAMS, 2002, p.1, *tradução nossa*). No cerne do problema, é embasada a interpretação nietzschiana de *interpretação dos fatos morais* como forma de reivindicação da verdade. Enquanto que para Nietzsche a posição do padrão moral, que se formulou ao longo do processo histórico-cultural, em especial com o cristianismo, se consolidou pela legitimação que se constituiu com a trajetória da tradição – retomemos aqui ao exemplo do sacerdote como legislador moral –, para Williams, a estruturação da moral não somente demonstra um aspecto moderador, como também descreve o aspecto psicológico do sujeito em suas interações.

Nesse sentido, a crença no sacerdote descrita por Nietzsche, por si somente, não deve ser compreendida apenas como uma ação moral ou imoral dentro da perspectiva williamsiana. Sua legitimação se dá após a ele ser atribuído uma interpretação valorativa. Ainda que a validação de seu posicionamento enquanto legislador moral, isto é, seus valores pautados em interpretações histórico-culturais, não remeta a uma interpretação moral realista do ponto de vista da crítica a suspeita da verdade, haja vista que o realismo moral ampara-se na afirmação teórica de que os juízos morais podem ser encarados como declarações expressando estados do mundo, para o pensador inglês, seria a forma de afirmar que o que a moral ascética faz é

amparar-se por uma *just-so story*. Williams defenderá esse posicionamento como sendo uma moral ficcional. Pois “a ficção fará coisas que a afirmação direta não pode fazer, e trabalhar com a ficção representará ela própria uma extensão do pensamento ético e concebível da experiência ética” (WILLIAMS, 2006, p.55). Mas o que impede o homem de viver fora da *ilusão* da moralidade? A ideia de uma moral ficcional no projeto de Williams é apresentada como condicionante ao problema da necessidade de preservação da vontade de verdade e como esta se apresenta ao homem. Ou seja, o ideal de veracidade no projeto williamsiano não foge dos *aspectos positivos*⁹, também compreendidos por Nietzsche, que a construção histórico-cultural proporciona, mas distingue a diferenciação existente entre uma moral realista – dentro da compreensão da tradição filosófica – e uma moral tendenciosa ao autoengano. Entretanto, a afirmação do caráter ficcional da moral aponta a outro ponto de discussão no projeto do filósofo inglês. A funcionalidade que a ficção possui na estruturação da moral nos remete a aceitação de sua existência fora do plano cognitivo. A cultura passa a possui papel preponderante dentro do projeto genealógico da moral proposto por Williams. Ou seja, para Williams, tanto a filosofia moral quanto a cultura são tão importantes quanto à psicologia que ela incorpora. E nesse sentido, a compreensão de uma psicologia moral toma forma dentro de uma fundamentação naturalista.

há certo grau de consenso de que precisamos de uma psicologia moral “naturalista” e o que se tem em mente com isso é que nossa visão das capacidades morais deve ser compatível com nossa compreensão do ser humano enquanto parte da natureza, ou até quem sabe no espírito dessa mesma compreensão.. Uma exigência expressa em tais termos provavelmente é aceita pela maioria dos filósofos, com exceção de alguns *anciens combattants* das guerras do livre arbítrio. O problema, e sem dúvida também a condição de possibilidade desse feliz e amplo consenso, contudo, é que ninguém sabe o que ele envolve. (WILLIAMS, 2011, p. 18-19).

Mas no que tange a compreensão sobre a crítica nietzschiana, como o pensador inglês a interpreta dentro de um contexto naturalista? É sabido da divergência, principalmente da filosofia inglesa, existente sobre o que seja naturalismo em Nietzsche. E não acometendo no erro de generalização do conceito, Williams nos aponta que não se deve haver uma separação entre natureza e o processo histórico-cultural. Em outras palavras, a diversificação da abordagem naturalista nietzschiana abrangeria a cultura em sua totalidade, não devendo ser

⁹ Cf. nota 4

compreendida limitando o problema em sua particularidade conceitual, dessa forma, contribuindo para a ampliação do seu projeto genealógico da moral.

Enquanto que Nietzsche descreve em sua genealogia da moral uma desconfiança sobre a origem de nossas crenças e do processo normativo que estruturaram a cultura e sua legitimação da moral, a genealogia de Williams consiste em afirmar que a partir de princípios epistêmicos o ser humano adquire predisposição para a moralidade. O que Williams faz é corroborar com nossa compreensão valorativa sobre a moral a partir de princípios intrínsecos ao homem. Isto incide que a cultura, suas manifestações científicas¹⁰ e sociais, seja compreendida como um fenômeno natural intrínseco a identidade do ser humano.

Para Nietzsche a moral da tradição, isto é, a moralidade presente no mundo nos aparece instituída pela imposição do processo histórico-cultural. Contudo, não há dúvidas que, para Williams, em Nietzsche existe um posicionamento naturalista que nas últimas décadas passou a ser um dos principais pontos de discussão no campo da filosofia moral. Entretanto, numa forma geral, ao filósofo alemão seria melhor atribuído a ideia naturalista de um caráter “metodológico especulativo” como nos aponta Brian Leiter na obra *Nietzsche on Morality* sendo “mais promissor do ponto de vista da continuidade de métodos com a ciência” (ARALDI, 2013, p. 99), não ocorrendo no erro de uma possível interpretação ontológica do problema. Nesse sentido, a partir da proposta¹¹ nietzschiana de determinar um método para contribuir com a investigação da genealogia natural da moral, Williams distingue sua crítica a moral numa perspectiva psicológica antes negligenciada pela moral da tradição, pelo cristianismo e o ideal ascético e pelo avanço do niilismo. O que gerou, de certa forma, um diferencial frente à interpretação da filosofia nietzschiana entre grande parte de seus comentadores.

Nesse sentido, segundo Lopes,

Bernard Williams foi [...] um dos filósofos contemporâneos que mais souberam valorizar as diversas intuições históricas de Nietzsche e sua aguda penetração psicológica, sem sucumbir ao fascínio de extrair do filósofo alemão um sistema metafísico ou uma teoria moral abrangente. (LOPES, 2013, p. 91).

¹⁰ Williams (2006, p.314, tradução nossa) aponta que na obra *A gaia ciência*, Nietzsche descreve que o termo ciência (*Naturwissenschaft*) “significa qualquer estudo organizado ou conjunto de conhecimentos, incluindo história, filologia, crítica ao socialismo e geralmente o que chamamos de ‘humanidades’ e é frequentemente isso que Nietzsche tem em mente quando ele usa a palavra [na sua obra]”.

¹¹ Essa afirmativa encontra-se na última nota da I dissertação da obra *Genealogia da moral*.

Baseando-se nessa assertiva, percebemos que o conteúdo da psicologia moral descrito por Williams demonstra que a análise nietzschiana sobre a moral compreende-se não somente a partir de uma interpretação reducionista ou minimalista, mas também, realista. Apesar de ser atribuída a Nietzsche uma análise realista sobre a psicologia moral e, concomitantemente, uma descrição sobre o processo histórico-cultural dentro de uma perspectiva naturalista. Para Williams, elimina-se a abrangência da moral no que tange a tradição mantendo a compreensão do fenômeno como uma ação natural ao homem ao longo da construção do processo histórico-cultural, e neste sentido, “a abordagem de Nietzsche consiste em identificar um excesso de conteúdo moral na psicologia, [...] e nós podemos dizer que aquilo a que essa abordagem nos conduz é a uma psicologia moral realista, ao invés de naturalista” (WILLIAMS, 2011, p. 20-21), contrariando a generalização que o conceito dispõe.

Apesar desta constatação, é importante termos em mente que na análise histórica que Williams faz da genealogia da moral, constata-se que uma razão moral somente pode ser anulada por outra razão moral. Contudo, não elimina os conflitos criados pelo problema em si. Pois “na medida em que perdemos o sentido do valor [moral] devemos certamente perder algo e podemos muito bem perder tudo” (WILLIAMS, 2002, p.7, *tradução nossa*).

Essa posição, não somente demonstra uma tentativa do pensador inglês de solucionar o problema entre a compreensão realista e naturalista da moral, como também, descreve a importância dos estados psicológicos do sujeito em suas interações e na construção de suas crenças, como ocorrera na descrição nietzschiana da crença na moral ascética. Isto é, independentemente de serem verdadeiras ou falsas, as crenças “são uma dimensão de uma avaliação [contrários a] muitos outros estados ou disposições psicológicas” (WILLIAMS, 1973, p. 137, *tradução nossa*). Williams amplia o alcance da compreensão das crenças ao descrever sua genealogia para além dos padrões epistêmicos. Para Williams, mesmo partido de uma afirmação e tendo como princípio que as crenças visam à verdade, elas estão sujeitas a normas de veracidade, pois, as “afirmações por sua própria natureza desenvolvem uma norma de conhecimento” (WILLIAMS, 2002, p. 80, *tradução nossa*).

Mas qual a relevância da crença para Williams? O problema é apresentado no projeto de Williams inerente a ideia da necessidade de preservação do valor moral, mas

principalmente, no que tange a filosofia nietzschiana, a ideia de interpretação e como esta é compreendida. Na definição de Williams

é típico daqueles que escrevem sobre Nietzsche que eles prestem mais atenção às suas afirmações, ou ao que aparentemente são suas afirmações, de que todas as crenças sobre a relação dos seres humanos com a realidade estão abertas a suspeita, de que tudo é, por exemplo, uma interpretação. (WILLIAMS, 2006, p. 302, tradução nossa).

Desse modo, conclui-se que para Williams a crença na moral, dentro do plano cultural que estrutura a sociedade, descreve um estado psicológico que orienta o homem no mundo. E mesmo sendo opaca, não deixa de ser funcional, pois exige um determinado grau de comprometimento e aprovação.

Como pudemos observar a tese genealógica da moral para Williams se desenvolve consubstancialmente ao projeto nietzschiano de libertar o homem das perspectivas da moral e de direcioná-lo a interpretá-la em um viés distinto da tradição. Williams, por sua vez, não somente propõe uma resposta para os dilemas da moral naturalista em Nietzsche como, também, interpreta os fundamentos histórico-culturais e a normatividade que dele provém descrevendo a importância da análise realista que compõe a construção da identidade tanto do sujeito quanto da sociedade. Não há dúvidas da importância da obra alemã para a crítica williamsiana. Seria impossível neste trabalho abordar todos os temas que o pensamento de Williams sob a influência nietzschiana tem a nos oferecer. Contudo, limitando-nos a sua interpretação genealógica da moral, percebemos que o debate continua sendo um dos principais pontos de discussão no campo da filosofia moral na contemporaneidade.

Referências

ARALDI, Clademir Luís. **Nihilismo, criação, aniquilamento**: Nietzsche e a filosofia dos extremos. Ijuí: Unijuí, 2004.

ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche: do nihilismo ao naturalismo moral**. Pelotas: NEPFil Online, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. v. 1.

LEITER, Brian. **Nietzsche on Morality**. New York: Routledge, 2002.

LOPES, Rogério. Há espaço para uma concepção não moral da normatividade prática em Nietzsche? Notas sobre um debate em andamento. In: **Cadernos Nietzsche**. nº 33, 2103. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-82422013000200005>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

MARTON, Scarlett (Org). **Nietzsche na Alemanha**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

NIEMEYER, Christian. (Org). **Léxico de Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996. (FW/GC)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (JGB/BM)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: FCA, 1985. (Za/ZA)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**. Petrópolis: Vozes, 2008. (M/AA)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (CD/CI)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Porto São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (EH/EH)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (GM/GM)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. (MAI/HHI)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (AC/AC)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas**. Tradução de Rubens R. T. Filho. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (OB. INC)

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. A crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer em *Aurora*: o desprezo de si como artimanha de condenação do indivíduo. **Revista Voluntás**: Estudos sobre Schopenhauer, v. 1, n. 2, 2º sem. 2010. Disponível em: <www.revistavoluntas.org/uploads/5/8/3/2/5832849/oliveira_jelson_1.pdf> Acesso: em 15 ago. 2011.

PIMENTA, Olímpio. **Livro de filosofia: ensaios**: Belo Horizonte: Tessitura, 2006.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. **A crítica ao cristianismo como religião ascética à luz da Genealogia da moral de Nietzsche**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. v. 1.

WILLIAMS, Bernard. A psicologia moral minimalista de Nietzsche. In: **Cadernos Nietzsche**. n° 29, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7751/5292>>. Acesso em 10 de outubro de 2019.

WILLIAMS, Bernard. **Ethics and the Limits of Philosophy**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

WILLIAMS, Bernard. **The Sense of the Past: Essays in the Philosophy of History**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

WILLIAMS, Bernard. **Making sense of humanity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WILLIAMS, Bernard. **Problems of the Self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

WILLIAMS, Bernard. **Truth and Truthfulness: an Essay in Genealogy**. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2002.